



Paulo Bodmer
Pr de Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ,
com a colaboração de Fernando Ferreira Campos
Universidade Gama Filho e Universidade Veiga de Almeida

Acosado pelas guerras napoleônicas (1805-1815),
o Príncipe Regente de Portugal, Dom João, vem para o Brasil, em 1808
Com ele seguem parte da nobreza, criados e dependentes
- cerca de quinze mil pessoas -
trazendo consigo metade do dinheiro em circulação
naquele país, jóias, móveis e prataria.

A transformação da colônia em sede do reino propicia, de imediato, a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. A Carta Régia que autoriza essa abertura quebrava o monopólio de comércio e de navegação que, por três séculos, constituía a base do pacto colonial: as importações e a exportação de produtos brasileiros tinham que passar por Portugal e ser transportadas por

embarcações lusitanas. A margem de lucro dos mercadores portugueses - por falta de concorrentes - era espantosa, assim como a margem da própria Coroa, que também se beneficiava desse monopólio.

Para comemorar o centenário de tal acontecimento, que trazia significativas vantagens aos produtores e comerciantes estabelecidos na ex-colônia, o Presidente Afonso

Pena, acolhendo uma proposta do Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Miguel Calmon du Pin e Almeida, decide que, em junho de 1908, seja realizado um grandioso evento artístico, industrial e pastoril, em que estariam representados todos os Estados, não só com o objetivo de comemorar aquela data mas, também, o de atrair libras e dólares para o País.

Em 1907, concluídas as reformas urbanísticas de remodelação e aformoseamento, o Distrito Federal já podia ser considerado o cartão-postal do País. Faltava, apenas, atrair os estrangeiros e mostrar-lhes a nova face da capital brasileira.

Votada pelo Congresso Nacional a necessária autorização - na lei orçamentária e por decreto - o Presidente aprova as bases para a organização de uma exposição nacional e, em outubro de 1907, sob a presidência do Dr. Antônio Olinto dos Santos Pires, lente da Escola de Minas de Ouro Preto, é instalada a Comissão Organizadora do evento.

O local escolhido para sediá-la é a esplanada da Praia Vermelha, onde se erguiam os edifícios da Escola Superior de Guerra, que são tombados, dando lugar aos pavilhões da exposição. Segundo a revista Kosmos, a área tinha sido escolhida “pelo pitoresco da circunvizinhança, pela soberbia dos pedregosos montes que o enfeixam, na faixa de terra que liga o morro alcantilado (sic) da Babilônia com o alto bojo alamborado da Urca...”.

Os imponentes edifícios-pavilhões, que abrigariam os estandes dos produtores nacionais, e que foram construídos em menos de um ano, incluíam um teatro, cervejarias, cafés, dois restaurantes, um cinema e uma pequena via férrea para transporte dos visitantes, em trenzinho. O Distrito Federal e os Estados de São Paulo, de Minas Gerais e da Bahia, construíram seus pavilhões; os demais Estados expuseram seus produtos no palácio que, mais tarde, sediou o Departa-

mento Nacional de Recursos Minerais. Montaram pavilhões próprios a Sociedade de Agricultura, o Jardim Botânico, a Inspetoria de Matas, Jardins, Caça e Pesca e os Correios e Telégrafos. Dos participantes do exterior, o Egito e Portugal montaram belíssimos pavilhões. O edifício da Escola Militar foi preparado para ser o Palácio das Indústrias, com uma fonte luminosa instalada no pórtico central. A muralha da fortaleza foi transformada em terraço panorâmico, com os restaurantes Pão de Açúcar e Rústico nas extremidades.

Em julho de 1908 a revista Kosmos comentava: “Parece-nos ainda um sonho esse inesperado aparecimento de pequenina cidade de palacetes nos areais da Urca”. A exposição foi aberta no dia 11 de agosto. Transportados pelos bondes da Cia. do Jardim Botânico, que prolongara seus trilhos até o portão da exposição, e pelas barcas da Cantareira, que atracavam na ponte ali existente, os milhares de visitantes que acorreram à Praia Vermelha puderam apreciar produtos agrícolas, exemplares da criação do rebanho nacional e representantes da florescente indústria na-

cional, como a Fábrica de Tecidos Bangu. Um típico evento da *Belle Époque* - “um estado de espírito” que dominou o mundo, a partir da França, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

A exposição, que foi toda fotografada, virou uma sofisticada e bela série de cartões-postais litografados a cores, editada pela Companhia Litográfica Hartman-Reichenbach. Destaca-se nessa série o edifício-pavilhão dos Correios.

Esses cartões, raríssimos, são arrolados no catálogo de inteiros postais da Filatélica Ariró, edição de 1958:





1908: Centenário da Abertura dos Portos e Exposição Nacional. Emissão comemorativa tendo no verso, em todo o tamanho do cartão (sic), a reprodução, ampliada, do respectivo selo postal. Impressos em *panneaux* de 6 cartões pela *American Bank Note Company*, em cartão amarelado. O selo é preto, muito simples, apresentando, em círculo duplo, o valor de 50 réis.

Conforme se pode observar, o inteiro da Exposição Nacional tem o selo ampliado, na cor verde, enquanto que o da Abertura dos portos foi impresso - segundo o citado catálogo - nas cores castanho, marrom, verde, azul-claro e sépia.



Considerada a maior mostra realizada na América Latina neste século, a Exposição Nacional de 1908 faz jus à entusiástica referência publicada pela *Kosmos*:

“...ela ali está, na grandiosidade, beleza e segurança das suas construções, na vastidão impressionante e atraente de seu conjunto, no cuidado de suas meticolosidades (sic), como prova irrefutável do (...) inaudito esforço”... *dos engenheiros, dos arquitetos e dos artistas brasileiros que desenvolveram esse bellissimo projeto (adendo nosso)*.